

# “PLANTANDO A SEMENTE DO FUTURO” A ESCOLA AGRÍCOLA ASSIS CHATEAUBRIAND: <sup>1</sup>

Lucileide Procópio de Arruda<sup>2</sup>  
(Universidade Estadual da Paraíba)  
<lucileide.arruda@gmail.com>  
Jussara Natália Moreira Bélens<sup>3</sup>  
(Universidade Estadual da Paraíba)  
<jussarabelens@gmail.com>

## 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar um breve ensaio sobre a nossa pesquisa, intitulada *Memórias de gênero: uma análise da história do Colégio Agrícola Assis Chateaubriand de Lagoa Seca-PB e sua contribuição na reinvenção de Campina Grande como a cidade da educação*, a partir da qual buscamos analisar a trajetória percorrida pela Escola Agrícola Assis Chateaubriand de Lagoa Seca, campus II da Universidade Estadual da Paraíba, distante 10 km da cidade de Campina Grande-PB, por meio dos recursos oferecidos pela História Oral e fontes teóricas visando a revisitar a memória que arquivou grande parte da trajetória desta instituição, marcada pelo descaso dos poderes públicos, mas também pelo reconhecimento de seus ex-alunos, mediante o crescimento profissional obtido pela formação fornecida na escola agrícola.

Este colégio desenvolve e desenvolveu espaços de formação nesta cidade e municípios vizinhos, profissionalizando mulheres e homens. Com isto, a instituição possibilita a esses sujeitos uma qualificação profissional em técnicas agropecuárias pertinentes àquele cenário histórico.

Além de se tornar responsável por novos espaços profissionais para mulheres e homens em atividades agrícolas e pecuaristas, esta instituição de ensino técnico

---

<sup>1</sup> Este artigo é fruto do projeto de Iniciação Científica intitulado *Memórias de gênero: uma análise da história do Colégio Agrícola Assis Chateaubriand de Lagoa Seca-PB e sua contribuição para a reinvenção de Campina Grande como a cidade da educação*. Cota: 2013-2014, sob orientação da Professora Doutora Jussara Natália Moreira Bélens.

<sup>2</sup> Graduanda em História pela Universidade Estadual da Paraíba.

<sup>3</sup> Professora Doutora do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Estadual da Paraíba.

também proporcionou a formação das professoras pioneiras das disciplinas técnicas do próprio colégio e as primeiras técnicas agrícolas que ocupariam cargos em órgãos públicos e privados, em nível local, regional e nacional.

A temporalidade escolhida para o estudo compreende os anos de 1968 – 1985, em Campina Grande-PB, uma década em que a consolidação dessa instituição educativa de Lagoa Seca marcou uma cidade que transitava pelos passos da modernidade, traduzida pelo discurso desenvolvimentista da industrialização.

## **2. METODOLOGIA**

Dentre as nossas ferramentas de trabalho, a História Oral se constitui como um meio de grande relevância que, ao revisitar a memória, busca reconstituir a trajetória histórica realizada pelo Colégio Técnico Agrícola Assis Chateaubriand. Contudo, sua eficácia é garantida em meio a análises documentais e bibliográficas.

Porém, ao longo de muitos anos, a História Oral foi preconizada como um método ou mesmo fonte não confiável para as pesquisas científicas devido ao depoimento oral ser entendido como subjetivo, isto é, vítima de construções, o que não difere muito das fontes escritas, pois, segundo José D'Assunção Barros, “[...] hoje as fontes textuais são também utilizadas como ‘discursos’ a serem decifrados em si mesmos” (BARROS, 2011, p. 134).

No entanto, a subjetividade da oralidade não deve ser avaliada por si mesma, mas deve-se apoiar em análises internas e externas que cercam a sua construção. Pois, como mostra Grele (1996, p. 275), “o que nós historiadores orais [...] devemos [...] [é] começar a investigar a estrutura linguística e cognitiva da memória e do diálogo histórico”.

Entretanto, segundo Célia Regina Gonçalves (1999, p. 13), este campo de estudo sobre a “Memória” se apresenta como “[...] um sério desafio a exigir permanentemente uma reflexão mais aprofundada acerca das suas relações com a História”, haja vista que seu estudo não se dá sobre caminhos sólidos, mas sinuosos, que caminham de acordo com a subjetividade dos sujeitos. Conforme acrescenta a mesma autora, a memória não é feita apenas de depósitos, pois ela também se forma por meio de mecanismos de “seleção e descarte”.

Logo, para Gonçalves (1999, p. 15), a Memória seria a “consciência da existência de um passado”, seja ela coletiva ou particular, constando sob a forma transcrita ou oral. Nesse diapasão, a Memória tem como objetivo mostrar as reminiscências do passado e pode ser usada para identificar fenômenos distintos, porém condizentes, pois “[...] o tempo – se constitui no lastro da memória, que pode ser genericamente definida como a capacidade que o Homem tem de reter e guardar o tempo que se foi, de evocar o passado”.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a pesquisa oral, teórica e documental, verificou-se que a Escola Agrícola Assis Chateaubriand, Campus II da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), criada em 20 de outubro de 1962, passou desde o princípio por dificuldades de ordem financeira e estrutural. No entanto, fora deste quadro de precariedade, a instituição contou com o apoio de grandes gestores, como o professor Joaquim Vitoriano Pereira, diretor da instituição por vinte anos, e também de professores e alunos, fatores que contribuíram para tornar este centro estudantil uma referência na formação de profissionais voltados ao manuseio da economia característica do Nordeste, ou seja, a Agropecuária.

Logo, em análise da bibliografia existente sobre esta instituição, como é o caso da *Revista 40 anos* e da monografia *Nos entrelaços da memória, nas tramas da história: representações da Escola Agrícola Assis Chateaubriand UEPB de Lagoa Seca-PB (1962-1992)*, constatamos testemunhos que narram a situação vivida por esta escola ao longo de sua trajetória por funcionários e ex-funcionários.

As fontes bibliográficas supracitadas mostraram a situação caótica que sofria a escola em questão, do mesmo modo como apontavam o descaso público com a educação, principalmente aquela que se encontra voltada a um setor econômico de pouco retorno aos cofres públicos, como a Agropecuária e suas áreas afins. Diferentemente do que ocorria com instituições de ensino técnico que qualificavam mão-de-obra para atividades profissionais ligadas à indústria.

Por meio da *Revista 40 anos*, conferimos que o Campus II da UEPB, inicialmente denominado de Ginásio Agrícola Assis Chateaubriand, funcionou

momentaneamente sem instalações próprias, de modo a se abrigar em instituições como o Colégio Anita Cabral e Colégio Integrado da Furne, vindo a se instalar definitivamente numa área de 26 hectares localizada no Sítio Imbaúba, município de Lagoa Seca, em 22 de outubro de 1967, por meio de uma doação concedida pelo Exército.

Contudo, a instituição escolar surgiu visando a atender à demanda de capacitação dos filhos de agricultores deste município, que possuía uma economia pautada na agricultura e no setor de hortifrutigranjeiros. Essas crianças e jovens eram educados por meio do ensino fundamental e instruídos com técnicas agrícolas para aplicação na agricultura familiar.

Porém, é em 1973 que o curso técnico em Agropecuária passa a ser incluído nas obrigações da escola, objetivando a capacitação da mão-de-obra em nível técnico para obedecer à demanda de mercado, que estava em crescimento em função da modernização econômica empregada pelos gestores do país neste período.

No entanto, a década de 1970, de acordo com Joaquim Vitoriano Pereira em entrevista na *Revista 40 anos*, foi um dos períodos mais críticos, pois os recursos destinados à instituição eram pouquíssimos. Mas foi por meio do “heroísmo, da luta e do sacrifício<sup>4</sup>” que ela continuou de pé. Na verdade, o ex-gestor se refere ao sacrifício realizado pelos professores e demais funcionários que, mesmo sem receber seus salários, não fraquejaram em nome da educação, do crescimento profissional da sua comunidade estudantil. Tempos depois, muitos ex-alunos passariam a constituir o corpo docente da própria instituição e a ocupar cargos em órgãos federais e estaduais na área da Agropecuária.

Deste modo, as dificuldades podem ser percebidas não como empecilhos, mas como força, “incentivo” de profissionais comprometidos com a educação, fundamentalmente para com o público de condição financeira baixa, que se constituía como o principal alvo do ensino profissionalizante para as áreas do campo.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

<sup>4</sup> PEREIRA, Joaquim Vitoriano. Vitoriano: um exemplo de diretor otimista. **Revista 40 anos**. Órgão de divulgação oficial. Campina Grande, ano I, n. 00, nov. 2002. Entrevista concedida ao Departamento de Comunicação Social – UEPB.

Neste trabalho foi-nos possível perceber que a Escola Agrícola Assis Chateaubriand, embora tenha sido inaugurada mediante o contexto de modernização industrial, acabou por ter recebido poucos recursos públicos em função de a instituição estar vinculada a uma prática econômica que era e ainda é desvalorizada, isto é, o setor agropecuário, que, por sua vez, constituía-se como a principal economia da região Nordeste.

No entanto, as dificuldades foram superadas graças ao compromisso desenvolvido pelo grupo de funcionários que compunham a instituição, de modo a se sacrificarem em prol do desenvolvimento educacional e profissional de Campina Grande, Lagoa Seca e região.

Portanto, percebeu-se que o compromisso profissional assumido por estes profissionais proporcionou uma ampliação não só do setor educacional, mas também do mercado de trabalho para homens e mulheres filhos de agricultores de nossa região.

## REFERÊNCIAS

BARROS, José D' Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. 8 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

CAMPOS, Rafael dos Santos. **Nos entrelaços da memória, nas tramas da história: representações da Escola Agrícola Assis Chateaubriand UEPB de Lagoa Seca-PB (1962 – 1992)**. 2013. 94 f. Monografia (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande-PB, 2013.

GONÇALVES, Regina Célia. **A História e o oceano da memória: algumas reflexões**. Saeculum - Revista de História, João Pessoa, Departamento de História, Universidade Federal da Paraíba, n. 4/5, jan. 1998/ dez. 1999, p. 13-39. Disponível em: <[http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum04\\_05\\_art01\\_goncalves.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum04_05_art01_goncalves.pdf)>.

GRELE, Ronald J. Pode-se confiar em alguém com mais de 30 anos? Uma crítica construtivista à história oral. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da História oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 267-277.

REVISTA 40 ANOS. Órgão de divulgação oficial. Campina Grande, ano I, n. 00, nov. 2002.